

MEMÓRIAS, MEMORIAIS E CARTAS: RELATOS DE UMA PROFESSORA TITULAR.

MEMORIES, MEMORIALS AND LETTERS: REPORTS OF A TITULAR PROFESSOR

Alan Silus^{1*}

1. Docente do Ensino Superior em Mato Grosso do Sul. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação de Professores (GEPFORP – UFMS). Pesquisador do Grupo Educação. Cultura e Diversidade (UEMS). Pesquisador do Núcleo de Estudos Bakhtinianos (NEBA – UEMS)

*Autor correspondente: e-mail: alan.silus.cruz@gmail.com

Para *Ana Lúcia Espíndola* (in memoriam), uma leitora ávida, formadora de leitores, professores e militantes em prol da Educação Brasileira.

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar a interlocução entre os gêneros memorial e cartas proposto na construção de um texto científico a fim de cunhar o título de professor titular. O *objetivo* do estudo é apresentar como o entrelaçamento dos dois tipos textuais na construção das memórias de formação docente e profissional de uma professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul constituem-na sujeito do processo educativo. A *metodologia* adotada foi a análise do conteúdo dos memoriais que foram precedidos por cartas escritas pela autora com destinatário a ela mesma. Como *resultados*, podemos compreender que o papel da memória e a articulação de gêneros do discurso, podem sim contribuir na construção de um discurso sobre a vida sem eximir-se de toda cientificidade.

Palavras-chave: Memórias. Memoriais. Cartas. Gêneros do Discurso. Relatos Docentes.

ABSTRACT

This work aims to present the interlocution between memorial and letters genre proposed in the scientific text building in order to coin a title of professor. The study aims to present how the interlacing of the two textual types in the building of a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul professor's teacher and professional formation memoirs constitute her as an educational process subject. The adopted methodology was the memorial contents analyses preceded by letters written by the author to herself. As a result, it can be understood that the memory function and the articulation of the discourse genres, can surely contribute in the building of a discourse about life without exempt it from all the scientific aspects.

Keywords: Memoirs. Memorials. Letters. Discourse Genres. Teacher Reports.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto tem como foco apresentar uma análise das reflexões de um Memorial Acadêmico apresentado para a obtenção do título de Professor Titular por Ana Lúcia Espíndola, docente do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

Inicialmente pretendemos demonstrar questões teóricas acerca da constituição do sujeito “professor” sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural postulada por L. S. Vigotski e seus colaboradores como A. Leontiev. Tratar sobre o processo de construção social, cultural e

ideológica de um docente entrelaça-se ao *corpus* deste trabalho, uma vez que estamos tratando das memórias de uma profissional da educação.

Em seguida, passamos ao desenvolvimento de uma reflexão com vistas a refletir sobre dois gêneros do discurso utilizado pela autora do *corpus* para a construção de seu texto: a carta e o memorial. Buscamos nas teorias de M. M. Bakhtin, I. Lótman, T. Rego entre outros construir essas relações em que a autora estabelece com os dois gêneros.

Por fim, passamos às análises do Memorial Acadêmico de Espíndola a partir dos estudos sobre memória e formação de professores, uma vez que tais narrativas são direcionadas em primeiro plano a uma “jovem professora” e em segundo plano a um leitor que vai compreender como se deu o processo de constituição e prática docente da autora estudada.

2. A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO “PROFESSOR” NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Vale a pena ser professor nos dias de hoje? Essa pergunta crucial é lançada a todo o momento àquelas pessoas que sinalizam o interesse por cursar uma Licenciatura como Graduação. Diversas notícias pairam nos telejornais e redes sociais sobre o descaso, a violência e os assujeitamentos em que a classe docente tem vivido.

Tais proposições não são novas, pois, o trabalho docente sempre sofreu diversas interferências negativas nos planos sociais, políticos, econômicos e até dos próprios sistemas de educação, nos quais deveriam apoiar o professor e, muitas vezes, volta-se contra estes.

Pensar na constituição do sujeito professor hoje é assunto delicado, vivemos momentos obscuros em que a desvalorização, o desmonte e a abdicação de investimentos nos sistemas de ensino reverberam tanto nos alunos e ainda mais em seus docentes, que são obrigados a oferecer qualidade máxima de ensino com estruturas mínimas.

Para Marques [1] “é preciso que o educador esteja consciente sobre as necessidades dos educandos, atento às suas aspirações e pronto a ajudá-los nessa caminhada. E, finalmente, lembrar que nenhuma ação é desenvolvida sem estar de algum modo presa a uma finalidade última”.

Para isso, consideramos ser importante “refletir sobre formação docente, associando-a a critérios de profissionalização e compromissos assumidos pelo professor ao longo da carreira docente, considerando, como dimensões básicas a pedagógica, a cognitiva e a profissional”. [2] (p. 133). No processo formativo é que iniciamos nosso processo de constituição enquanto

sujeitos professores, a partir do primeiro contato com a graduação em Licenciatura que temos as bases fundamentais que nos constituem docentes.

Para Góis,

o professor é um profissional da educação e, por isso, como todo profissional, precisa ser valorizado pelo que desempenha e, também, ele próprio precisa valorizar-se. Se a sociedade, no geral, e os governantes, no específico atribuem importância secundária à educação; fazem-no por ser a educação um instrumento ambigualmente poderoso de desalienação. [3] (p. 164).

Dessa forma, ao constituir-se professor, o licenciado nas mais diversas áreas do conhecimento encontram-se cercadas de embates e dilemas cotidianos à profissão: salários muitas vezes não condizentes com o merecido, excesso de alunos em sala, diversidade de políticas e normas a serem cumpridas que, num conjunto, desestabilizam a prática docente.

Na prática docente, se faz necessária a internalização de sentidos e significados que são próprios ao professor. Um desses sentidos e significados tange à questão do trabalho, que para Leontiev [4] (p. 76), “o aparecimento e o desenvolvimento do trabalho como condição primeira e fundamental da existência do homem” promovem nele uma relação de vínculo com o meio social em que está inserido.

O autor ressalta que é por meio do trabalho em que constituímos uma diversidade de esferas e campo sociais como a linguagem e que por sua vez, constituem a cultura de um grupo. Para ele

o trabalho não modifica apenas a estrutura geral da atividade humana, não engendra unicamente ações orientadas: o conteúdo da atividade a que chamamos de operações sofre também uma transformação qualitativa no processo de trabalho. Esta transformação das operações efetua-se com o aparecimento e desenvolvimento dos instrumentos de trabalho. As operações de trabalho do homem [...] são realizadas com a ajuda de instrumentos. [4] (p. 87-88).

Com a apropriação dos instrumentos, ressignificamos nossa atividade social, uma vez que esta “trata-se de uma construção, com base na interação do sujeito com seu meio social”. [5] (p. 25). Dessa forma, constituímos também nossas funções psicológicas superiores, que para a autora [5] compõem-se da memória, do pensamento, da linguagem da consciência, dentre outras.

Na constituição da prática docente é que o professor constitui seus sentidos e significados. Estes, por sua vez, possibilitam essa relação homem-mundo e se transformam ao longo dos tempos constituindo assim a partir daquilo que já foram dadas aos outros, novas formulações socioculturais. A isso, Vigotsky denomina de síntese.

Ao apropriarmo-nos da Teoria Histórico-Cultural de L. S. Vigotsky para compor nossas reflexões acerca da constituição do professor remetemos à questão da construção histórica, social, cultural e política do homem, uma vez que o autor busca nas fontes do Marxismo, em especial nos pressupostos de Karl Marx os precedentes necessários para compreender a luta das classes, a emancipação humana e formações ideológicas em que estamos inseridos.

Para os estudiosos da psicologia vigotskiana

a Teoria Histórico-Cultural apresenta a compreensão da importância do meio social para o desenvolvimento do psiquismo do sujeito e para a formação de sua conduta e de seus comportamentos, pois, defende que o desenvolvimento humano está profundamente relacionado à cultura e à sociedade às quais o sujeito pertence. [5] (p. 26).

Dentro da perspectiva Histórico-Cultural, Martins [6] (p. 53) ressalta que cabe ao docente promover ao longo de sua formação uma “revisão dos processos de ensino-aprendizagem tendo em vista melhor adequá-los à realidade concreta de vida dos educandos e aos diferentes ritmos de aprendizagem”.

Mas antes de analisar as relações e processos de ensino e aprendizagem, o professor passa por outro dilema, desta vez, de caráter ideológico, uma vez que no tocante de sua(s) ideologia(s), “o que é representado não é o sistema das relações reais que governam a existência dos indivíduos, mas a relação imaginária destes indivíduos, com as relações reais em que vivem”. [7] (p. 82).

O professor é marcado hoje pelas formas ideológicas em que a sociedade o submete, mas, ao mesmo tempo pode lutar para que elas sejam mudadas ou extintas. Nesse caso, estamos lidando com um professor em processo de constituição de sua identidade a partir das formas de militância em que este desenvolve.

Constituímo-nos professores ao nos depararmos com o estado das forças produtivas, com as relações econômicas, com o sistema político-social, com o próprio psiquismo e com a própria alternância da(s) ideologia(s) que remontam o próprio psiquismo [8]. Além disso, o autor posiciona-se também afirmando que “o psiquismo do homem social é visto como subsolo comum de todas as ideologias de dada época”.

A educação especificamente escolar se origina desse processo transformador da realidade natural em uma realidade humanizada através da dinâmica da relação entre objetivação e apropriação, na medida em que, dado esse progressivo avanço, se fez criar uma instituição própria para a formação cultural dos indivíduos, a saber, a escola. [9] (p. 88).

A partir do citado, concluímos que ser professor requer nos dias de hoje uma consciência crítica em que ao longo de sua história de vida pessoal e funcional o constituirá, permitindo-lhe promover a formação de outros indivíduos que, por sua vez, serão inebriados das experiências, ideologia(s), memórias e conhecimentos adquiridos nesse processo constitutivo.

No processo de constituição docente, passam por nós formas intrínsecas e extrínsecas de ver e rever o mundo e as formas como nossas ações reverberam sobre ele, permitindo-nos, assim, em um determinado tempo em que a carreira docente esteja consolidada, resgatar essas formas de visão por meio de memórias, sejam elas relatadas científica ou literariamente.

3. MEMORIAIS E CARTAS COMO GÊNEROS DO DISCURSO

Ao longo de sua história, o homem sentiu a necessidade de comunicar seus feitos aos demais indivíduos das sociedades nas quais estava inserido. Ao comunicar, este produz construções linguísticas estruturadas que no início das eras constituía-se de maneira oral. Com o decorrer dos anos, desenvolveu-se a cultura escrita e essas construções passam a cunhar uma estrutura mais organizada e prevista dentro de formas estáveis.

A essas formas, damos o nome de gêneros do discurso que para Mikhail Bakhtin (1895-1975) são todos os campos da atividade humana e estão relacionados ao uso da linguagem, nos processos orais e escritos, tomando como base formas padrão relativamente estáveis de estruturação e construção de sentidos nos textos. Koch & Elias argumentam que “são incontáveis às vezes em que não somente lemos textos diversos, como também produzimos ou ouvimos enunciados, tais como: ‘escrevi uma **carta**’, ‘recebi o **e-mail**’, ‘achei o **anúncio** interessante’, ‘o **artigo** apresenta argumentos consistentes’”, [10] (p. 101, grifos das autoras) dentre outros.

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, [...] são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos **gêneros do discurso**. [11] (p. 11-12, grifos do autor).

Bakhtin concebe os gêneros por meio de duas características básicas: a primeira, diz respeito ao seu plano composicional que “deve-se levar em conta a forma de organização, a distribuição das informações e os elementos não verbais: a cor, o padrão gráfico ou a

diagramação típica, as ilustrações” [10] (p. 109-110). A segunda característica está voltada ao plano temático e ao estilo de composição dos gêneros.

Para Dominique Maingueneau a definição de gêneros parte das concepções de critérios situacionais uma vez que

ela designa, de fato, dispositivos de comunicação sócio-historicamente definidos e elaborados, de modo feral, com a ajuda de metáforas [...]e são, assim, normalmente caracterizados por parâmetros tais como os papéis dos participantes, suas finalidades, seu *médium*, seu enquadramento espaço-temporal, o tipo de organização textual que eles implicam, etc. [12] (p. 45, grifos do autor).

Ao pensar no memorial como um gênero do discurso, compreendemos que o papel deste vai muito além das situações cotidianas. Produzir memoriais envolve questões cujas dimensões estéticas e ideológicas de quem os compõem, são evidenciadas e devem ser respeitadas por aqueles que serão seus leitores, uma vez, que fatos pessoais e não pessoais se entrelaçam em estruturas textuais previamente organizadas.

O memorial — no caso deste texto, o de formação/ acadêmico — tem por função apresentar fatos históricos ocorridos na vida do autor a partir de suas lembranças. É um gênero do discurso calcado na representação de uma realidade passada e para Rego [13] (p. 785) “pode auxiliar tanto o processo de avaliação de um percurso intelectual como a qualidade da produção científica dele resultante. [...] Escrivê-lo é, portanto, um momento privilegiado para o sujeito fazer um balanço sobre um passado acadêmico construído”.

Pontuamos que na construção de memoriais,

o processo de humanização acontece com a apropriação, pelo homem, da experiência socio-histórica. Os conhecimentos que são adquiridos durante o desenvolvimento das faculdades e das propriedades humanas vão-se acumulando ao longo do processo histórico vivido pelos homens. [14] (p. 09).

A construção de um memorial acadêmico representa bem esse processo, pois caracteriza-se no momento em que o autor resgata ideais, valores, ideias, experiências de vida e profissão possibilitando a ele formas de lembrar o passado e deixar ao presente e ao futuro suas contribuições científico-sociais.

Partindo das proposições feitas por Melo [15] ao ler um memorial, o leitor depreende-se com a mistura de elementos simbólicos e culturais que muitas vezes são capazes de prender sua atenção. Essa leitura, cunhada num crivo acadêmico, muitas vezes pode se tornar estética ou literária, uma vez que para Bakhtin [16] a interpretação dos sentidos pode não ser científica, mas é profundamente cognitiva.

A leitura de memoriais muitas vezes promove no leitor, duas reações: a empírica, na qual ele se detém apenas a conhecer aos fatos narrados buscando elementos de cientificidade e/ou estética, que para Vigotsky [8] (p. 259) promove ao leitor uma impressão emocional nas quais se pode distinguir com toda clareza vivências de um determinado tipo, que não podem ser atribuídas aos diferenciais dos estados da alma.

Em outra instância, apresentamos a carta que é um gênero do discurso em que o locutor ou remetente dirige ao interlocutor ou destinatário um discurso sobre acontecimentos particulares de sua vida. Para Köche; Marinello & Boff [17] (p. 27) “a carta contém acontecimentos, emoções e sentimentos, experimentados por um emissor que percebe o receptor como “cúmplice”, isto é, como um sujeito comprometido afetivamente nessa situação de comunicação”.

Na história social do homem, escrever cartas era um ato de afetividade no qual os indivíduos que as produziam eram comprometidos com o prazer estético da escrita. Esse gênero é muito conhecido na Literatura, pois em períodos muito específicos como o Romantismo, era função dela disseminar a comunicação entre os namorados e amantes.

Ela era também utilizada como forma de comunicação social, uma vez que muitas famílias distanciadas de seus entes trocavam entre si cartas para que pudessem socializar as notícias, as conquistas e as lutas vividas por eles em seus lugares de moradia.

Na atualidade, com o advento da tecnologia, as cartas foram substituídas pelos e-mails e muito mais pelas redes sociais como o WhatsApp, o Facebook e o Instagram uma vez que a convergência dessas mídias, na sociedade, atinge com mais rapidez e arrebatam muitas pessoas por dia a utilizá-las.

Ao produzir cartas, o homem desenvolve suas práticas de escrita e promove a linguagem como um fenômeno cultural. Ao utilizar-se da linguagem, o homem compreende que “ela é o fundamento da sociedade humana, tanto no plano de sua identidade como no de sua evolução”. [18] (p. 21).

Na construção de uma carta, desvelamos ao leitor uma apropriação de códigos artísticos e formais que para Lótman [19] são misturados e convertidos para uma única situação composicional. Na produção de cartas, por mais que desde criança sabemos muito bem sobre sua estrutura, a constituição de seu conteúdo não é absoluta. Para o teórico russo, ela “está em correlação com toda uma série de outras estruturas histórico-culturais e psicológicas concomitantes”. [19] (p 453).

Vigotsky [8] destaca que por meio de suas produções culturais, o homem reordena-se e transforma-se em sujeito cujas formações ocorrem nas formas históricas e sociais de seu psiquismo. Ao produzir uma carta, estamos transformando e reordenando nossas construções sociais em processos culturais, dando uma nova forma à produção de sentidos à linguagem.

A partir daqui, apresentaremos como o memorial, a carta e as teorias apresentadas aqui envolvem-se na constituição do professor, no caso aqui, trataremos do processo de formação docente de Ana Lúcia Espíndola, docente da UFMS, Campus de Três Lagoas a partir das análises de seu memorial para aprovação em concurso de professora titular.

4. BREVES CARTAS A UMA JOVEM PROFESSORA, ALGUNS POEMAS E OUTROS RELATOS...

Faremos a partir daqui algumas interlocuções com as teorias apresentadas acima, tomando como ponto de estudo o Memorial da Professora Doutora Ana Lúcia Espíndola (1966-2019) apresentado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS como requisito para obtenção do título de Professora Titular no início de 2019 no Campus de Três Lagoas.

O texto apresentado contém suas experiências de vida pessoal, formação acadêmica e vida docente da Educação Básica e da UFMS, onde atuou por 30 anos no Curso de Licenciatura em Pedagogia, nos Mestrados em Educação de Campo Grande e Corumbá e no Doutorado em Letras em Três Lagoas.

O que chama atenção a esse tipo de texto? A resposta é simples, o modo como a autora conduz as interlocuções entre os gêneros memorial e carta na qual ela se utiliza para compor sua tese para a obtenção do título pretendido dentro da Universidade. Espíndola apresenta em quatro capítulos suas memórias docentes e para compor cada uma das etapas, escreve cartas a ela mesma fazendo uma análise das coisas e dos momentos em que viveu.

Para Lima [20] (p. 23) “escrever sobre nós mesmos, trazer à tona o que nos dá vida, movimento e ação, é sempre uma oportunidade para questionar os empreendimentos e as investidas que realizamos na reconstrução do nosso ser pessoal e profissional”. Assim, o título das cartas, foram todos escritos com verbos no imperativo e dentro de cada uma delas, há uma mensagem de um locutor para um locutário, a Ana.

Além de contar pontos interessantes sobre seu processo de constituição enquanto sujeito-professora, as cartas contextualizam pensamentos partidos dos estudos de Sociologia

(disciplina na qual era ministrada pela docente), bem como o uso de citação de poemas, uma vez que Espíndola era uma ávida leitora tanto de textos acadêmicos, como de textos literários.

Vamos analisar aqui, alguns excertos das cartas escritas por ela, fazendo um paralelo com as narrativas propostas no memorial. Ressaltamos que por questões estéticas, preferimos manter a fonte “Tempus Sans ITC” utilizada pela autora no corpo das cartas.

Na carta nº 01, a autora informa a sua interlocutora, Ana, sobre a sua formação inicial e continuada na qual Libâneo [21] (p. 31) define que “a base da identidade profissional do educador é a docência” Além disso, ele propõe que a formação do profissional de Licenciatura “visa formar uma concepção de educador em que a base de sua identidade profissional seja a teoria e prática em torno de saberes pedagógicos”. [21] (p. 31-32).

1.1 FORME-SE, PROFESSORA, FORME-SE! (CARTA NÚMERO 1)

Querida amiga:

Me dirijo a você nesta carta para lhe dizer que sei o quanto o processo formativo pode ser doloroso e dar a sensação de nos roubar o tempo. [...] É, minha amiga, formar-se nem sempre é agradável. Aprendi com uma professora da graduação (Léa de Lourdes Calvão, sobre quem falarei mais detalhadamente em outra carta) que estudar não precisa ser uma coisa necessariamente chata, mas, certamente, também não é um eterno domingo de férias. [...] Estudar infinitamente. Portanto, estude sim, estude muito. Leia todos os livros e teses que lhe parecerem necessários (porque certamente serão). E, se você, como eu, trabalha pela construção de novas relações sociais, pense sempre em Paulo Freire, com seu ensinamento que, para mim, foi de grande valia: “Estudar é um dever revolucionário”. Estudemos, então, inclusive para fazer a revolução e mudar as relações sociais.

[...] Quando fui fazer doutorado e me mudei para São Paulo, minha orientadora (Zilma de Oliveira), em nosso primeiro encontro, vendo minha ansiedade, me disse: “Fazer doutorado é também viver a cidade com tudo que ela te proporciona. Então, faça as disciplinas, trabalhe na tese, mas também vá ao cinema, ao teatro, aos museus, aos shows a que puder ir”. Foi um grande conselho e repasso agora a você. [...]

Bem, querida amiga, é isso. Forme-se. Sempre, com livros, com cinema, com literatura e com a vida mesmo.

[...]

Com amor, essa palavra de luxo,

Ana

[22] (p. 08-09).

Percebemos no discurso da remetente o seu compromisso com a autoformação, mas, ao mesmo tempo, apresenta o quanto esse processo não deve ser doloroso ou cansativo, já que assim como foi dito pela Profa Dra. Zilma de Oliveira, é necessário viver além dos muros da academia para constituir uma pesquisa.

Assim, Bastos assevera que

a elaboração de memoriais de professores justifica-se pelo caráter simbólico imaginativo dos saberes sociais que se fazem presentes na representação da docência. Ou seja, a ação de entender e de dar sentido ao mundo envolve, simultaneamente, processos cognitivos-afetivos. [23] (p. 168).

Portanto, ao resgatar suas memórias de formação inicial, Ana Lúcia Espíndola remonta à sua infância difícil de moradora da zona rural em Mato Grosso do Sul, sua garra ao concluir a educação básica e os percalços em concluir a Graduação em Pedagogia pela UFMS, o Mestrado em Educação pela UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) e o Doutorado também em Educação pela USP (Universidade de São Paulo).

A carta de número 2, que antecede as memórias de militância de Espíndola, trata da importância do acreditar no que se faz. O locutor deixa essa instância muito clara no decorrer de seu discurso desde a inserção deste em partidos políticos do Estado de Mato Grosso do Sul até o engajamento com a formação de qualidade dos seus alunos.

1.3 MILITE, PROFESSORA, MILITE! (CARTA NÚMERO 2)

Querida amiga:

Te escrevo em tempos duros. Tempos que trazem de volta temas e problemas que a minha geração achou que estivessem superados. Veja só que ingenuidade. [...]

Por isso, mais do que nunca, nossa militância é necessária. [...]

Pode parecer clichê, porém tua presença numa reunião do sindicato, numa passeata, numa palestra organizada por um dos fóruns que discutem educação na tua cidade pode te ensinar muito e contribuir mais ainda para que entenda melhor tuas relações de trabalho e quem são os educadores nesse processo. O educador é educado nas contradições das lutas diárias. [...]

E, para concluir, deixo a última parte de um poema antigo, mas tão atual, de Bertold Brecht:

[...]

Mas vocês, quando chegar o tempo

Em que o homem seja amigo do homem,

Pensem em nós

Com um pouco de compreensão.

Com todo meu carinho e o desejo de que também pense em nós com um pouco de compreensão, querida amiga.

Ana

[22] (p. 22-23)

Para ela, o exercício de ser Educador também se constitui num exercício de militância. Com isso, o professor “deve encontrar uma maneira produtiva de interligar-se com as condições econômicas, políticas e sociais de determinado quadro histórico, quadro no qual a Educação aparece, desenvolve-se e encontra o sentido que configura seu modo particular de ser”. [24] (p.18).

A carta seguinte apresenta uma análise do trabalho docente de Ana Lúcia Espíndola. O relato da professora remonta às mazelas em que muitos profissionais da educação vivem na atualidade: o cansaço, o excessivo número de aulas em que um professor ministra, a preocupação com a formação, dentre outras.

2.1 TRABALHE, PROFESSORA, TRABALHE! (CARTA NÚMERO 3)

Cara jovem amiga:

Trabalho nem sempre precisa ser sinônimo de tripalium, mas, algumas vezes, o é. Há momentos em que nos consome de tal forma, que parece que somos mesmo subsumidos por ele. O trabalho docente é particularmente capaz de fazer isso conosco. É um trabalho que sempre se prolonga para além da jornada contratada. São inúmeras atribuições didáticas que invadirão seu fim de semana, suas noites de descanso, suas madrugadas insones, suas férias. [...]

[...]

Muitas vezes você se sentirá vencida pelo cansaço do cotidiano, pelas atribuições da burocracia, pelo desrespeito que por vezes encontramos com nossa labuta. Mas, se você tiver um projeto para além do cotidiano, certamente isso irá lhe dar o ânimo necessário não apenas para realizar um bom trabalho como também para lutar por melhores condições para que ele se realize. [...]

Ao trabalho então, jovem amiga, mas sempre com questões!

Com afeto, Ana

[22] (p. 27-29).

Os relatos apresentados pela autora denotam que “o memorial, somado a outros elementos, pode auxiliar tanto o processo de avaliação de um percurso intelectual como a qualidade da produção científica dele resultante”. [13] (p. 785). Mesmo com muita dificuldade enfrentada em sua carreira, Espíndola jamais sucumbiu aos problemas sociais da escola e da sociedade, como uma boa militante, procurara solucionar a cada um desses percalços de maneira positiva.

3.1 ENSINE, PROFESSORA, ENSINE! (CARTA NÚMERO 4)

Querida jovem amiga:

O verbo “ensinar”, por algum tempo, foi um tanto malvisto na educação nacional, você deve ter percebido ao estudar História da Educação Brasileira em seu curso de formação. Pois bem, eu, particularmente, acho que não devemos ter medo de usá-lo. Ensinar e aprender fazem parte do nosso processo de humanização. Tudo depende da postura que quem ensina ou aprende assume. [...]

Ensinar é, para mim, assumir de forma séria e responsável a tarefa de socializar os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade [...]

Então, reafirmo a você nesta carta a necessidade de o professor ensinar. Ensinar com profundo respeito aos alunos, aos saberes que eles já portam. Ensinar com cuidado e também, se possível, com afeto. E estar também, ao mesmo tempo, com disposição para aprender. E, assim, nesse processo de ensinos e aprendizagens, constituir-se humano.

[...]

Te abraço afetuosamente,

Ana
[22] (p. 39-40).

A carta nº 4 permite ao leitor uma reflexão sobre o ser docente. O texto que segue o conteúdo da carta apresenta os 26 anos de Espíndola como Professora da UFMS no Curso de Pedagogia e do Doutorado em Letras do Campus de Três Lagoas, nos Mestrados em Educação dos campi de Campo Grande e Corumbá.

Cabe ao docente universitário em muitas vezes, “sentir os desafios do tempo presente, de pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do trabalho pedagógico, de participar criticamente na construção de uma escola mais atenta às realidades dos diversos grupos sociais”. [25] (p. 16).

Ana construiu ao longo de sua carreira um longo caminho pela Educação Superior. Foi responsável também por expandir horizontes de uma diversidade de alunos nas mais diversas instâncias da Universidade (graduação, especialização, mestrado ou doutorado), sua militância era imbuída em todo esse processo.

As cartas de número 5, 6 e 7 subsequente às memórias apresentadas tratam ainda desse processo do ser professora universitária, não vamos nos ater aqui em apresenta-las devido ao curso espaço em que um artigo científico delimita o processo de socialização do conhecimento, porém, saltamos para a carta número 8 seguida de suas memórias e considerações finais.

AH, PROFESSORA, SONHE, SE POSSÍVEL! (CARTA NÚMERO 8)

Minha querida amiga:

Fiquei pensando em como terminar estas missivas que te envio com tanto carinho, há vários dias. E talvez o melhor jeito de terminar seja o mais clichê de todos: te pedindo para que não desista, apesar da aridez dos dias. Tempos áridos pedem pessoas macias, que saibam se adaptar a eles, mas que também façam todo o possível para mudá-lo. Sonhe, se possível for. E sonhe sempre no coletivo, com outros sonhadores. Mas não apenas. Trabalhe todos os dias para que novos tempos venham.

[...]

Termino então te contando uma história. Há mais de 30 anos, minha professora de Sociologia na graduação encerrou um semestre com um fragmento de poema escrito na lousa com giz. Dizia alguma coisa como: “A vós jovens, porque sois belos”. Não consegui, apesar de vivermos na era google, a referência. Na minha cabeça, ficou registrado como de Cecília Meireles, mas pode não ser. Duas coisas me veem com essa história. A primeira é que minha memória é péssima pra quase tudo, mas tenho registrado, com a clareza de uma fotografia, um fragmento de poema escrito num quadro negro há mais de 30 anos. Isso diz muito sobre mim. Mas diz também sobre o que é ser professor. Essa minha professora, Lea de Lourdes Calvão, é o ideal de professora que persegui minha vida inteira. Uma professora que consegue marcar a vida de um aluno, assim é o que precisamos e merecemos. Ela me ensinou muito, mas, principalmente, a não esmorecer nos dias ruins. É só isso que precisamos. Acreditar e seguir em frente. Espero que também seja assim com você.

[...]

Enfim querida amiga, me despeço, com o desejo de dias melhores,
ensolarados e belos como mereceremos!

Com afeto, sempre,

Ana

[22] (p. 78-80).

Os conselhos dados pelo locutor ao interlocutor é o de jamais desistir sem ter tentado algo melhor. Para Piatti [26] (p. 34) “o processo educativo é essencial na vida do homem, pois ele não precisa inventar a cultura, mas se apropriar do que já foi produzido pela humanidade e transformá-la”.

Assim, ao constituir-se professora, Espíndola mostra que diante de um quadro de incertezas, seu caminho pelos rumos da escola e da universidade cunhados no ensino, na pesquisa e na extensão foram exitosos e servem de exemplo a muitos jovens professores que constituem suas identidades docentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos acima uma breve reflexão acerca do Memorial Acadêmico da Professora Doutora Ana Lúcia Espíndola, que escreveu tal gênero com vistas à obtenção do título de Docente Titular do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no campus de Três Lagoas.

Em dois momentos do texto, propusemos uma reflexão sobre o constituir-se professor dentro do aporte da Teoria Histórico-Cultural e em seguida, buscamos estabelecer uma relação entre os gêneros memórias e cartas, utilizados por Espíndola ao longo de seu trabalho.

Analisar excertos das cartas que abrem a composição estrutural do Memorial para Professor Titular, é uma forma de resgatar as lembranças e os processos constitutivos de uma docente que traz em sua trajetória os sentidos e os significados que cunham um curso de licenciatura.

Ana Lúcia Espíndola apresentou o Memorial Acadêmico para Professor Titular no primeiro semestre de 2019 e faleceu em 11/05 do mesmo ano aos 53 anos em decorrência de um aneurisma. Fica aqui a nossa homenagem àquela que tanto “militou” por uma Educação de qualidade, gratuita e justa para aqueles que foram seus alunos tanto nas Escolas em que trabalhou, quanto nas dependências da UFMS, lugar onde lecionou por 26 anos. A nós, cabe a continuidade de seu trabalho e o sentimento de eterna gratidão pelos ensinamentos.

REFERÊNCIAS

- [1] MARQUES, Heitor. R. **Metodologia do Ensino Superior**. 5. ed. rev. amp. Campo Grande (MS): UCDB, 2015.
- [2] LEITINHO, Meirecele C. Política de Desenvolvimento Profissional Docente: fundamentos e práticas. In: D'Ávila, C; VEIGA, I. A. P. (orgs.). **Didática e Docência na Educação Superior: implicações para a formação de professores**. Campinas (SP): Papyrus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- [3] GÓIS, Marcos L. S. Uma Leitura de Ao Mestre com Carinho: ecos na contemporaneidade. In: CHACAROSQUI-TORCHI, G. F; LIMBERTI, R. C. P; MELO, S. M. **Nas Tramas do Discurso: aspectos culturais e ideológicos**. Florianópolis: Insular, 2017.
- [4] LEONTIEV, Alexis. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Trad. Rubens Eduardo Frias. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- [5] KRUGMANN, Taís F. **Histórias de Vida de Professores em Processo de Readaptação Funcional**. 2015. 156f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande, 2015.
- [6] MARTINS, Lígia Márcia. Implicações Pedagógicas da Escola de Vigotski: algumas considerações. In: MENDONÇA, S. G. L; MILLER, S. (orgs.). **Vigotski e a Escola Atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas**. 2. ed. Araraquara (SP): Junqueira & Marin; Marília (SP): Cultura Acadêmica, 2010.
- [7] ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Trad. Joaquim J. M. Ramos. Lisboa: Presença, 1970.
- [8] VIGOTSKI, Lev S. **Psicologia da Arte**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- [9] GIARDINETTO, José Roberto B. A Pedagogia Histórico-Crítica subsidiando a Reflexão da Questão Cultural na Educação Escolar. In: MENDONÇA, S. G. L; MILLER, S. (orgs.). **Vigotski e a Escola Atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas**. 2. ed. Araraquara (SP): Junqueira & Marin; Marília (SP): Cultura Acadêmica, 2010.
- [10] KOCH, Ingedore G. V; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- [11] BAKHTIN, Mikhail M. **Os Gêneros do Discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- [12] MAINGUENEAU, Dominique. Diversidade dos Gêneros de Discurso. In: MACHADO, I. L; MELLO, R. (orgs.). **Gêneros: reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.
- [13] REGO, Tereza Cristina. **Trajatória Intelectual de Pesquisadores da Educação: a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v. 19 n. 58 jul.-set. 2014, p. 779-800.

- [14] BARBOSA, Maria Valéria; MILLER, Stela; MELLO, Suely Amaral. (orgs.). **Teoria Histórico-Cultural: questões fundamentais para a Educação Escolar**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.
- [15] MELO, José M. Comunicação Social: da leitura à leitura crítica, In: ZILBERMAN, R; SILVA, E. T. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- [16] BAKHTIN, Mikhail M. **Notas sobre Literatura, Cultura e Ciências Humanas**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.
- [17] KÖCHE, Vanilda S; MARINELLO, Adiane F; BOFF, Odete Maria B. **Estudo e Produção de Textos: gêneros textuais do relatar, narrar e descrever**. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2015.
- [18] CAUNE, Jean. **Cultura e Comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação**. Trad. Laan Mendes de Barros. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- [19] LÓTMAN, Iuri. **A Estrutura do Texto Artístico**. Trad. Maria do Carmo V. Raposo e Alberto Raposo. Lisboa: Estampa, 1978.
- [20] LIMA, Terezinha Bazé de. **Educação e Desenvolvimento da Competência Humana: memória da trajetória construída em diferentes contextos**. Campo Grande: Life Editora, 2012.
- [21] LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.
- [22] ESPÍNDOLA, Ana Lúcia. **Breves Cartas a uma Jovem Professora, alguns Poemas e Outros Relatos: memorial descritivo de ações desenvolvidas no ensino, pesquisa e extensão na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**. 2019. 164f. Memorial (Concurso para Professor Titular) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Três Lagoas, 2019.
- [23] BASTOS, Maria Helena C. Memoriais de Professoras: reflexões sobre uma proposta. In: MIGNOT, A. C. V; CUNHA, M. T. S. (orgs.). **Práticas de Memória Docente**. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Cultura, Memória e Currículo, v. 3).
- [24] ROSA, Maria da Glória Sá. **Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul: histórias de vida**. Campo Grande: UFMS/ CECITEC, 1990.
- [25] NOVOA, Antônio (org.) **Vidas de Professores**. 2. ed. Lisboa: Porto, 1995. (Coleção Ciências da Educação).
- [26] PIATTI, Célia Beatriz. Influência da Escola na Formação de Leitores e Professores Leitores. In: SILUS, A; ALVES, G. M; SOUZA, L. P. **Formação Docente e Diversidade: Linguagens, Educação e Questões Contemporâneas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.